



DESAFIOS DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA NO BRASIL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA GRUPAL COM JOVENS APRENDIZES

CHALLENGES OF PROFESSIONAL AND CAREER ORIENTATION IN BRAZIL: REPORTING A GROUP EXPERIENCE WITH YOUNG LEARNING

Maria Mônica Gomes Divino¹
Bruna Monteiro Hallak²
Sara Nogueira Grassi³
Marcelle La Guardia Lara de Castro⁴

RESUMO: A temática da centralidade do trabalho apresenta-se como importante questão no mundo contemporâneo, considerando o histórico das relações do ser humano com o seu ofício, bem como as discussões acerca do futuro do trabalho. Diante disso, o presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma experiência grupal de Orientação Profissional e de Carreira (OPC), proposta como atividade extensionista de uma disciplina do curso de graduação em Psicologia. Foi realizado um estudo de caso no primeiro semestre de 2019, com três Jovens Aprendizes, com idades entre 17 e 20 anos, que trabalhavam em uma universidade particular de Belo Horizonte. Foram feitos encontros semanais com a aplicação de diferentes técnicas, instrumentos e métodos da OPC, como entrevistas individuais, protocolos de avaliação de interesses e habilidades e técnicas grupais. Com base no que foi levantado na experiência grupal, e tendo em vista o arcabouço teórico da OPC, foram estudados aspectos relativos à escolha profissional, como a influência da família e o processo de adolecer. Como resultado, dentre outras reflexões, constatou-se que o momento da escolha profissional, no caso dos Jovens Aprendizes, é marcado por especificidades, na medida em que este grupo precisa conciliar a rotina de trabalho com os estudos e, muitas vezes, não dispõem de oportunidades para realizarem seus desejos, haja vista que, para eles, o trabalho é visto como uma necessidade que garante o sustento de suas famílias. Os resultados revelam a importância da OPC com os Jovens Aprendizes, que favorece uma efetiva inserção no contexto da formação técnica ou universitária.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação Profissional e de Carreira; Trabalho; Jovens Aprendizes; Abordagem Grupal.

ABSTRACT: The labor's centrality theme presents itself as an important issue in the contemporary world, considering the history of the relationship between human beings and their occupation, as well as the discussions about the future of labor. Hence, this article aims to present the results of a group experience of Professional and Career Guidance (PCG), proposed as an extension activity of a discipline of the undergraduate course in Psychology. A case study was conducted in the first semester of 2019, with three Young Apprentices, aged between 17 and 20 years old, who worked at a private university in Belo Horizonte. Weekly meetings were held with the application of different PCG techniques, instruments and methods, e.g. individual interviews, interest and skills assessment protocols and group techniques. Based on what was raised in the group experience, and considering the theoretical framework of the PCG, aspects related to professional choice were studied, such as the influence of the family and the process of adolescence. As a result, among other reflections, it was found that the moment of professional choice, in the case of Young Apprentices, is marked by specificities, as this group needs to reconcile the work routine with studies and, frequently, do not have opportunities to fulfill their desires, given that, for them, work is seen as a necessity that guarantees the support of their families. The results reveal the importance of PCG with Young Apprentices, which favors an effective insertion in the context of technical or university training.

KEYWORDS: Professional Orientation; Labor; Young Apprentices; Group Approach.

¹Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. mariamoonica@gmail.com.

²Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. brunamhallak@gmail.com

³Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. sarangrassi@gmail.com

⁴Professora na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Psicóloga do Trabalho, Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Minas Gerais na linha Estudos Sociais do Trabalho, da Tecnologia e da Expertise - marcelle.laguardia.lara@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Orientação Profissional e de Carreira (OPC) é uma prática que teve suas origens ligadas ao aumento da eficiência industrial no século XIX e que se propõe a assumir um papel de agente de mudança social ao estudar as relações entre subjetividade e trabalho. Considerando a importância da OPC, que permanece intimamente ligada à história das relações de trabalho no mundo ocidental, em especial o futuro do trabalho, tornando-se tema central na sociedade, o presente artigo apresenta um estudo de caso, desenvolvido no primeiro semestre do ano de 2019, durante uma atividade extensionista da disciplina “Orientação Profissional”, do 7º período da Faculdade de Psicologia da PUC Minas.

Diante dos resultados obtidos por meio da prática, que envolveu uma experiência grupal realizada com Jovens Aprendizes que trabalhavam em uma universidade privada, foram suscitadas reflexões acerca dos desafios e perspectivas da OPC no contexto brasileiro, bem como considerações acerca dos fatores que perpassam a escolha profissional, como a influência exercida pelas famílias e o contexto socioeconômico em que os adolescentes estudados estão inseridos. A escolha dos Jovens Aprendizes como público se justifica pelas particularidades desse grupo, formado por jovens que já estão no mercado de trabalho, no interior de um espaço extremamente peculiar nesta fase – a universidade. Cabe ressaltar que o trabalho se apresenta na vida desses jovens como um elemento fundamental, uma fonte de sobrevivência para obtenção de renda, dado o contexto de vulnerabilidade social no qual se encontram.

A aprendizagem é estabelecida pela Lei nº.10.097/2000, regulamentada pelo Decreto nº. 5.598/2005, que estabelece que todas as empresas de médio e grande porte estão obrigadas a contratar jovens entre 14 e 24 anos. Essa lei tem a finalidade de promover inclusão social por meio do primeiro emprego. Tal contrato especial de trabalho tem tempo limitado de, no máximo, dois anos. (BRASIL, 2000). A Cruz Vermelha Brasileira de Minas Gerais tem como objetivo possibilitar ao menor de idade o contato com temas como direitos humanos, inclusão digital, meio ambiente, ética, além de ter como foco jovens em situação de vulnerabilidade social. Os estudantes, após realizarem um curso de formação profissional, são encaminhados para o mercado de trabalho nas instituições parceiras.

Sobre as particularidades do contexto dos Jovens Aprendizes, é oportuno destacar que a dupla tarefa de trabalhar e estudar, que muitas vezes lhes é imposta, pode comprometer a qualidade de seus estudos, tendo em vista a sobrecarga de atividades do trabalho. Os aprendizes enfrentam uma série de obstáculos para o acesso a um ensino de qualidade, haja vista o contexto socioeconômico no qual estão inseridos, que limita as oportunidades educacionais

(DE SOUSA, 2015). Assim, muitos desses jovens veem no estudo a possibilidade de ascensão econômico-social e acreditam que, por essa via, poderão obter melhores empregos e salários.

Assim, a curiosidade das autoras foi despertada diante da seguinte questão a que se propuseram investigar: embora trabalhem e estejam ocupando diariamente o espaço da universidade, estariam os jovens efetivamente inseridos em tal ambiente, ao levar em conta os aspectos socioculturais que os atravessam?

2 MARCO TEÓRICO

2.1 A Orientação Profissional e de Carreira

Diversos autores do campo da Orientação Profissional e de Carreira a apresentam enquanto práxis, de modo que são múltiplas as bases teóricas que a fundamentam. Segundo Bock (1995), as teorias em OPC podem ser divididas em: não psicológicas e psicológicas. As primeiras, de acordo com Pimenta (1981), são as que atribuem os fenômenos da escolha a fatores externos ao indivíduo, ao passo que as teorias psicológicas, por sua vez, buscam na dinâmica interna do indivíduo a compreensão para tal fenômeno. Nesse sentido, a OPC tradicional, em especial até meados do século XIX, buscava compreender o fenômeno da escolha profissional sob a perspectiva do indivíduo, quase que de modo exclusivo, tendo em vista os princípios da individualidade, da liberdade e da igualdade.

Assim, o surgimento da Orientação Profissional e de Carreira enquanto prática teve suas origens no contexto socioeconômico da Terceira Revolução Industrial, caracterizado pela produção e pelo consumo em massa. Neste momento, a OPC era tida como uma atividade diretamente vinculada à indústria e à ordem socioeconômica vigente, tendo como marca o objetivo de garantir o aumento da produtividade industrial. Entretanto, é preciso considerar que o mundo do trabalho está em constante transformação, de modo que tais mudanças continuamente ressoam no campo da OPC, não só no que diz respeito à formação do orientador profissional e de carreira e ao seu aparato teórico e técnico, mas também naquilo que tange à sua postura ética frente às configurações da sociedade capitalista contemporânea. Isso posto, cabe a reflexão acerca do papel que o orientador profissional e de carreira ocupa dentro deste novo panorama: reprodutor social ou agente de mudança? (LASSANCE; SPARTA, 2003).

Ao tecer considerações sobre o capitalismo, Bock (1995) afirma que quando se nega a existência da liberdade de escolha, anula-se também a existência do indivíduo, que passa a ser entendido como reflexo da organização social, não detendo nenhum grau de autonomia. A

questão que se coloca, portanto, é compreender os níveis de autonomia do sujeito dentro do tecido social e econômico que o atravessa, para não se correr o risco de afirmar a existência de uma meritocracia que esconde as pré-condições de acesso ao capital cultural⁵.

Por fim, as teorias sociológicas têm sua problemática voltada para a estrutura social estratificada, em detrimento das características individuais ou da organização econômica, com foco nos efeitos do status dos pais sobre as oportunidades da criança, sem de fato explicar os mecanismos de sua funcionalidade. A ideia de que a estrutura social vai sendo reproduzida no sujeito mediante os processos de identificação, indicada por Bohoslavsky⁶ em seu estudo sobre a OPC, encontra eco na teoria de Bourdieu, conforme nos ensina Silva (1995). Vejamos: “O sistema de identificações peculiar a cada indivíduo tende a reproduzir simbolicamente a estrutura das relações sociais próprias à classe social a que a família pertence e, ainda, os deslocamentos no espaço social que constituem sua trajetória social” (SILVA, 1995, p. 33).

Ainda no que diz respeito às múltiplas abordagens da OPC, Ribeiro e Uvaldo (2017) assinalam que Frank Parsons elenca três princípios fundamentais para a orientação vocacional. O primeiro deles refere-se a uma clara compreensão de si mesmo, das próprias aptidões, ambições, interesses, recursos, limites e causas. O segundo princípio propõe um conhecimento de requisitos e condições de sucesso, das desvantagens e vantagens, das oportunidades e perspectivas dos diferentes tipos de trabalho. Por fim, o terceiro fundamento seria uma resultante da relação entre os dois fatores anteriores. (PARSONS, 1909 apud RIBEIRO; UVALDO, 2007).

Conforme fora sinalizado, existem diferentes possibilidades de condução de um processo de OPC, que envolve, para além das técnicas e instrumentos, inúmeros atravessamentos, tanto sociais e culturais quanto pessoais, relativos à história de cada indivíduo. Dessa forma, serão apresentadas a seguir considerações acerca do processo de escolha e do momento de vida no qual muitas pessoas a fazem: na passagem da adolescência para a juventude.

⁵ Sobre a questão da meritocracia, recomendamos a obra “A Ralé Brasileira”, do sociólogo Jessé Souza, que enfatiza a histórica invisibilidade das pré-condições de acesso ao capital cultural na constituição da sociedade brasileira.

⁶ Rodolfo Bohoslavsky foi um importante autor no estudo da OPC, tendo desenvolvido um trabalho sobre a Orientação Vocacional Clínica, na Argentina, nos anos 70, sendo considerado um dos mais proeminentes teóricos no assunto, especialmente na América Latina.

2.2 Sobre a escolha

A escolha profissional constitui-se como aspecto crucial em um processo de OPC, de modo que é preciso elucidar seu conceito, possibilidades e condições. O orientando é sujeito de sua própria vida, o que faz com que o orientador profissional e de carreira atue no sentido de fazê-lo encontrar a sua história pessoal, dentro de uma história social. Assim, conforme aponta Bohoslavsky (1977), o papel do orientador não será o de propor respostas prontas, mas sim de facilitar uma escolha consciente, por meio das possibilidades das quais o indivíduo dispõe em determinado momento, fazendo com que este seja capaz de tomar uma decisão pessoal responsável. Desse modo, o principal objetivo de um processo de OPC é instrumentalizar o orientando, com o intuito de viabilizar o processo de tomada de decisão. O processo de Orientação Profissional e de Carreira permite, portanto, que o orientando descubra os próprios caminhos, visto que a escolha não é definitiva e pode ser reformulada diante de situações novas, que exijam diferentes posicionamentos e ações.

Sobre a motivação do jovem para a escolha da profissão, Soares (2002) expõe que esta é, em geral, inconsciente, sendo a escolha um processo de identidade ocupacional, que se constitui como importante fator na formação de identidade, na medida em que envolve um “projeto de futuro”. Segundo Bohoslavsky (1977), existem basicamente dois níveis determinantes na escolha do indivíduo: a estrutura do aparelho psíquico e a estrutura social, de modo que sobre ambas perpassam a dialética dos desejos, as identificações e as demandas sociais.

Ainda a respeito da escolha profissional, cabe sinalizar que ela é marcada pela emergência de múltiplos questionamentos, de ordem social e individual, de modo que coexiste, nesse momento, o confronto entre diversas variáveis, tais como: questões referentes à identidade, à formulação de que adulto se quer ser e ao delineamento de um projeto de vida consciente (LEHMAN, 1995). Nesse sentido, Bohoslavsky (1977) aponta que a escolha profissional remete a uma relação e ao vínculo entre o indivíduo, o outro e o futuro. Assim, o projeto de vida do jovem para si mesmo implica a possibilidade de projetar-se no futuro, poder imaginar-se desempenhando um papel na sociedade e sentir-se inserido no sistema de produção. No entanto, nem sempre o jovem consegue vislumbrar tal situação, tendo em vista o seu contexto socioeconômico e cultural.

Sob uma outra perspectiva teórica que perpassa o processo de escolha em OPC, Soares (2002) aponta a necessidade de se considerar as experiências vivenciadas pelo jovem em relação às diversas profissões, haja vista que cada vivência poderá assumir significados muito distintos para cada indivíduo. Os adolescentes costumam trazer algo das profissões em sua

memória, em relação ao modo como elas são historicamente elaboradas por eles. Isso posto, uma grande dificuldade no processo de escolha dos adolescentes é o desconhecimento em relação aos campos de trabalho e a indisponibilidade de experimentação. Dessa maneira, é função do orientador profissional e de carreira auxiliar o jovem a encontrar fatores pessoais que estejam constituindo entraves à sua escolha profissional (SOARES, 2002).

Ao se pensar o processo de escolha profissional, é imprescindível considerar as influências exercidas pelas famílias no que tange às preferências dos jovens. A esse respeito, Soares (2002) assinala que a família é a célula social responsável pela transmissão da ideologia dominante, dos valores morais, dos pensamentos e da cultura, de modo que se constitui como o elo intermediário entre o meio social e o indivíduo. Desde o nascimento, a pessoa é acompanhada pelos desejos e fantasias de seus pais e familiares em relação ao seu futuro. A família interfere no processo de apreensão da realidade da criança, determinando, em parte, a formação de seus hábitos e interesses (SOARES, 2002). Dias (1995) alega que o modo como os pais atribuem significado aos elementos da vida ocupacional sempre estará presente na forma com que um filho significa este universo. Assim, de acordo com Dias (1995), não é possível recortar uma visão sobre o orientando de forma descontextualizada, sendo necessário considerar suas ansiedades referentes ao grupo social em que se insere.

Para Soares (2002), a escolha profissional pode chegar a apresentar um caráter de pagamento de uma “dívida familiar inconsciente”, quando algum parente tenta impor, ainda que de modo implícito, a seus descendentes que sigam determinada carreira e isso se torna o programa de vida do jovem. A esse respeito, Soares (2002) acrescenta ainda que grande parte das escolhas dos jovens inclui representações sociais, positivas ou negativas, exercidas pelos pais sobre as profissões, além de suas relações com o trabalho e das identificações que o filho traz em relação às profissões familiares. Conforme assinalado por Santos (2005), a escolha profissional é uma oportunidade de provar a lealdade à família e de cumprir com a sua missão não apenas individual, mas familiar.

Sobre a Orientação Profissional e de Carreira e o momento de escolha, Godoy *et al.* (2008) sinalizam que a intervenção em OPC ocorre em momentos críticos da trajetória profissional dos indivíduos e grupos. Nesse sentido, o processo é capaz de auxiliar na tomada de decisão em etapas como a transição dos estudos ao mundo do trabalho; uma mudança de ocupação ou emprego; e durante o período de adaptação para a aposentadoria, por exemplo. Bock e colaboradores (1995) citados por Noronha e Ambiel (2006), corroboram essa perspectiva ao afirmarem que cabe ao psicólogo promover a saúde, o que pode acontecer no caso da OPC, na medida em que permite ao sujeito uma escolha mais lúcida, madura, ajustada e em consonân-

cia com suas competências. Aqui, chamamos a atenção para os atravessamentos que as características da adolescência, em sua passagem para a juventude, trazem para o momento de escolha na vida dos jovens, conforme será apresentado adiante.

2.3 A adolescência

A adolescência é a fase da vida em que, de modo geral, são feitas as primeiras escolhas profissionais do sujeito. Conforme assinalado por Santos (2005), tal período se constitui como um estágio do ciclo de vida no qual o indivíduo passa por transições que acarretam grandes mudanças em sua vida. Assim, a adolescência se apresenta como uma fase de transformações, marcada pelo processo de consolidação de uma identidade diante da aproximação real com o mundo adulto.

De acordo com Rena (2006), ao se pensar a adolescência, é necessário deslocar as dificuldades do processo de adolecer do âmbito do indivíduo ou da natureza normativa para o âmbito do contexto sócio-histórico-cultural em que o indivíduo está inserido. Diante disso, é possível pensar que as formas de adolecer estão intrinsecamente relacionadas à situação de classe, faixa etária e condição racial dos jovens.

O adolecer significa, portanto, muito mais do que uma “crise de identidade” que se processa no espaço da intimidade do sujeito. Para além, trata dos atravessamentos de seu contexto sócio-histórico-cultural, sendo que o trabalho desempenha papel central na subjetividade. A construção da identidade ocupacional está, dessa forma, como afirma Lisboa (1997 apud ALMEIDA; PINHO, 2008), diretamente vinculada à identidade pessoal, pois ambas incluem todas as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida.

Considerando as especificidades da adolescência e as diversas questões que perpassam essa fase, a experiência grupal em OPC aparece como uma oportunidade de lidar com as crises, na medida em que possibilita a circulação dos afetos. Conforme expõe Levenfus (1997), a abordagem grupal, muito utilizada na área, permite ao adolescente romper com a fantasia de ser o único que passa por dificuldades. Diante do exposto, será apresentada a seguir a metodologia utilizada neste estudo de caso.

3 METODOLOGIA

A prática extensionista realizada teve como ponto de partida as discussões feitas em sala de aula na disciplina “Orientação Profissional” do curso de Psicologia da PUC Minas

campus Coração Eucarístico. Após o estudo das múltiplas abordagens em OPC e tendo sido feita a escolha pelo público dos Jovens Aprendizizes, foi feito o contato com os jovens e com seus responsáveis institucionais para apresentação da proposta. Diante do aceite de cada participante, esclarecidas as condições do estudo, foram feitas entrevistas individuais, ao início e ao final do processo, além de quatro encontros em grupo. A prática foi realizada no primeiro semestre de 2019, entre os meses de maio e junho e todas as atividades foram feitas nas dependências da PUC Minas e a condução dos grupos foi realizada pelas graduandas. A amostra inicial foi composta por cinco Jovens Aprendizizes, com idades entre dezessete e vinte anos, mas somente três permaneceram até a conclusão da prática de extensão.

A abordagem escolhida foi a grupal, que se difere das modalidades individuais no que tange aos métodos e instrumentos utilizados ao longo do processo. Levenfus (1997) aponta que as vantagens do atendimento em grupo podem ser diversas: agilidade e praticidade no tempo gasto para os encontros, o que possibilita o atendimento a um maior número de pessoas; a identificação entre os participantes é favorecida por meio dos vínculos e do sentimento de pertencimento, afinal, o adolescente não se sente como o único a vivenciar as ansiedades dessa fase; há contribuições da visão dos demais membros do grupo, quando as problemáticas são trazidas a todos; e há possibilidades mais convenientes de realizar técnicas dramáticas, de modo que o adolescente consiga expressar melhor seus anseios e desejos.

A prática teve início com os jovens Gabriel (17 anos), Hugo (20 anos), Leandro (19 anos), Patrícia (18 anos) e Marcos (17 anos)⁷. Gabriel e Patrícia estavam concluindo o terceiro ano do Ensino Médio e os demais haviam concluído recentemente. Dois deles, Gabriel e Hugo, participaram apenas da entrevista individual e do primeiro encontro grupal, não dando continuidade à OPC. Inicialmente, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas, que tiveram por objetivo fornecer um panorama inicial acerca de cada jovem e explicar como seria o processo de OPC. Cada entrevista teve duração média de 30 minutos e os principais temas contemplados foram: (a) composição familiar e relações familiares; (b); relações sociais; (c) expectativas da família quanto à escolha profissional; (d) histórico escolar e profissional; (e) interesses pessoais e profissionais; e (f) rotinas de estudo e atividades de lazer.

O planejamento da OPC foi realizado de forma flexível, considerando que “a realidade tem evidenciado a diversidade de expectativas e necessidades de cada grupo” (SOARES, 2002, p. 162). Assim, o roteiro programado se constitui como uma espécie de “guia” ao orientador, mas que deve estar aberto à possibilidade de revisões e rearranjos de acordo com as

⁷ Para assegurar o sigilo e preservar a identidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios.

questões emergentes, advindas das demandas surgidas em cada encontro. Ao final de cada encontro, as atividades a serem realizadas na semana seguinte eram planejadas, com base naquilo que foi colhido. Dessa forma, era proposta uma reflexão sobre os pontos de maior dificuldade por parte dos orientandos em um encontro e, na semana seguinte, tais questões eram retomadas e trabalhadas em maior profundidade. A seguir, serão apresentados os resumos de cada encontro que, posteriormente, possibilitaram a descrição dos resultados, tendo em vista os recursos utilizados.

3.1 Primeiro encontro

No primeiro encontro, as orientadoras solicitaram que cada participante se apresentasse brevemente, contemplando aspectos como nome, idade e expectativas com o processo de OPC. Em seguida, foi proposta a dinâmica “Visão de Futuro” que, conforme exposto por Lisboa e Soares (2000), tem por objetivo realizar uma projeção de futuro explorando a imagem idealizada de si mesmo, em termos ocupacionais ou profissionais. Assim, cada jovem foi convidado a fechar os olhos e a adotar uma postura relaxada, enquanto uma das orientadoras solicitava que eles se imaginassem daqui a 5 ou 10 anos, em uma atividade profissional. Após este momento, cada adolescente comentou sua experiência e como se imaginou no futuro.

Neste mesmo encontro, foi proposta uma tarefa para que os jovens fizessem em casa, que consistia em um “Quadro de Avaliação das Escolhas Profissionais” (LIMA, 2007). Neste espaço, cada um deveria escrever o nome de uma profissão, na primeira coluna; os aspectos positivos (objetivos e subjetivos que favorecem a escolha e o exercício da profissão) na segunda coluna; e, por fim, os aspectos negativos (objetivos e subjetivos que dificultam a escolha e o exercício da profissão). Tal técnica tem por objetivo fazer com que o adolescente se aproxime daquelas profissões que lhe chamam a atenção, proporcionando uma reflexão mais profunda e consciente sobre a atuação profissional e seus percalços e benefícios.

3.2 Segundo encontro

No segundo encontro, cada jovem apresentou, de forma breve, seu próprio quadro, de modo que os temas que surgiram foram discutidos com as orientadoras e com os outros membros do grupo. Após este momento, foi proposta a técnica “Gosto e Faço” (LISBOA; SOARES 2000), que consiste em dividir uma folha de papel em quatro quadrantes distintos.

No primeiro, deveria ser escrito: “Gosto e Faço”; no segundo, “Não gosto e faço”; no terceiro “Gosto e não faço” e, por fim, “Não gosto e não faço”, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Quadro utilizado para realização da técnica “Gosto e Faço”

Gosto e faço	Gosto e não faço
Não gosto e faço	Não gosto e não faço

Fonte: LISBOA; SOARES, 2000.

Tal atividade tem por objetivo fazer com que os adolescentes reflitam acerca de suas preferências e gostos e sobre como isso se articula às suas possibilidades de escolha, de acordo com o que estão acostumados a escolher em seu cotidiano. Ao final deste encontro, foram passadas duas tarefas a serem feitas em casa: a primeira delas foi a técnica “Frases Incompletas” (LIMA, 2007), que consiste em completar, de modo espontâneo, 30 assertivas em branco. Ela tem por objetivo o autoconhecimento, por exemplo “se estudasse...”, “me imagino no futuro fazendo...”, “comecei a pensar no futuro...”, “escolher sempre me fez...”, “quando criança meus pais queriam...”, “se eu fosse... poderia...” e dentre outras. Ademais, foi solicitado que os adolescentes seguissem os dois primeiros passos do aplicativo para smartphones, chamado “Eligis”⁸, uma plataforma digital por meio da qual é possível utilizar ferramentas para auxílio da escolha profissional.

A escolha por usar um aplicativo como uma das técnicas foi devido ao fato de as tecnologias estarem inseridas no contexto contemporâneo e de maneira expressiva na vida dos jovens. Segundo Spaccaquerche (2005), a interatividade é um facilitador no processo de escolha profissional e a rapidez propiciada pelos meios digitais invade a vida social. Sendo assim, um aplicativo desenvolvido de forma atrativa, dinâmica e interativa tem muito a acrescentar no processo de escolha dos jovens, como um papel de apoio no processo da OPC e não como substituto. Para escolher um aplicativo que proporcionasse uma boa experiência aos orientandos, foram realizadas buscas em lojas virtuais como Google Play e Apple Store com a palavra-chave “Orientação Profissional” pelas orientadoras do grupo de Jovens Aprendizes. Além

⁸ Este aplicativo não se trata de um teste, nem mesmo pretende uma substituição da OPC por outros dispositivos. Seu ponto positivo é o fato de agrupar, em uma única plataforma, informações socioeducacionais, além de questionários para que o adolescente reflita sobre pontos importantes na escolha profissional. A ferramenta auxilia ainda o jovem a elaborar um roteiro de entrevistas com profissionais, a fim de proporcionar maior conhecimento acerca de suas áreas de interesse. Mais informações sobre a plataforma podem ser acessadas pelo endereço eletrônico: <<https://www.eligis.com.br/>>.

de levantar as avaliações e comentários feitos pelos usuários dos aplicativos encontrados, foi analisado o posicionamento do Conselho Federal de Psicologia (CFP) em relação ao uso dessas ferramentas. Assim, nessa escolha, foi levado em consideração se o aplicativo Eligis está em consonância com os princípios éticos da Resolução CFP nº 11/2018 bem como com o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP), aprovado pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº10/2005, o que foi confirmado segundo a perspectiva das autoras. Esse aplicativo disponibiliza um questionário sobre interesses e possibilita a reunião de informações sobre o contexto socioeducacional (grades curriculares e instituições que ofertam os cursos de interesse), além de ter uma boa avaliação entre os usuários, motivos pelos quais ele foi escolhido como uma das ferramentas a serem utilizadas durante o processo.

3.3 Terceiro encontro

Para o terceiro encontro, além da discussão das tarefas passadas na semana anterior, foi realizada a aplicação do teste AIP (Avaliação de Interesses Profissionais). Desenvolvido por Levenfus e Bandeira (2009), tal instrumento tem por objetivo identificar os campos de maior interesse profissional, sendo, ao todo, dez campos: Campo Físico/Matemático; Campo Físico/Químico; Campo Cálculos/Finanças; Campo Organizacional/Administrativo; Campo Jurídico/Social; Campo Comunicação/Persuasão; Campo Simbólico/Linguístico; Campo Manual/Artístico; Campo Comportamental/Educacional e Campo Biológico/Saúde.

Após a aplicação do teste, foi solicitado que os jovens fizessem, em casa, uma redação sobre a “História de sua Vida”, contemplando os aspectos pessoais que poderiam exercer influência sobre suas escolhas profissionais. Tal tarefa teve por objetivo fazer com que os jovens entrassem em contato com suas motivações e conflitos internos, que podem passar despercebidos por não serem objeto de maior reflexão do adolescente.

3.4 Quarto encontro

Para o quarto e último encontro grupal, houve a discussão sobre a tarefa solicitada anteriormente e o fornecimento de informações sobre cursinhos, plataformas e conteúdos online referentes aos cursos de pré-vestibular e concursos. Além disso, foram discutidos junto aos adolescentes os objetivos que eles têm e quais estratégias têm adotado, na prática, para atingir tais propósitos, refletindo sobre o que tem dado certo e o que poderia melhorar. Apresentaram-se também alguns recursos possíveis para conciliar os estudos com a rotina de traba-

lho, como cursinhos virtuais e aplicativos para planejamento dos estudos. Com isso, pretendia-se trabalhar com os jovens questões relativas à organização, cronograma e rotina, elementos cruciais, principalmente considerando a jornada dos aprendizes, que necessitam conciliar o trabalho com os estudos.

3.5 Entrevistas finais

A última etapa do processo foi uma entrevista final, que teve por objetivo proporcionar um espaço para que cada um pudesse expor questões mais pessoais, apresentar o resultado do teste aplicado, bem como devolver alguns aspectos que foram percebidos pelas orientadoras, além de oferecer ao jovem a possibilidade de falar sobre a experiência diante da OPC, diferenciando sua situação no início, em relação ao momento final.

No decorrer do processo, também foi possível observar as dificuldades por parte dos orientandos em conciliar o trabalho com os encontros, uma vez que as reuniões ocorriam no horário do expediente. Somado a isso, constatou-se os desafios enfrentados pelos jovens frente a rotina de trabalho e estudos e a dificuldade de organização de um cronograma que contemplasse outros elementos em suas rotinas. Essa temática pôde ser mais bem trabalhada, de forma individual, nas entrevistas finais, nas quais as orientadoras auxiliaram os jovens a montar um esquema de horários conforme as possibilidades de cada um.

4 RESULTADOS

Durante o processo que envolveu a presente prática extensionista, foi possível observar que, desde o início, cada um dos jovens já tinha uma escolha predefinida: Marcos pretendia cursar Medicina, Leandro gostaria de seguir carreira militar e Patrícia gostaria de cursar Psicologia. Os outros jovens, que não deram continuidade ao processo, também já apresentavam alguma profissão que gostariam de seguir carreira: Hugo apresentou interesse em Contabilidade e Arquitetura e Gabriel gostaria de seguir carreira militar ou Engenharia Mecânica.

Assim, ao longo dos encontros, e a partir dos métodos utilizados e descritos anteriormente, constatou-se que com as diversas reflexões trazidas pelas discussões, o significado da escolha se apresentava de maneira diferente para cada um, mas, em todos os casos, havia muitas influências externas. Tais influências têm origem tanto no campo social, no que diz respeito a contextos de vulnerabilidade social, nos quais os jovens estão inseridos, quanto nas interferências feitas pelas configurações familiares.

Uma situação capaz de ilustrar tal aspecto foi o adoecimento de um membro da família de um dos adolescentes e o pouco acesso a recursos de saúde, que motivaram a escolha do jovem por uma profissão na qual fosse possível ajudar as pessoas. Outra influência está no campo das relações, como é o caso quando amigos próximos colaboram para a percepção de características positivas, que podem ser um diferencial no exercício de uma profissão específica. Além das discussões em geral, os atravessamentos de tais contextos ficou bastante evidente nas reflexões da técnica “Quadro de Avaliação das Escolhas Profissionais”, como: “*Ah, essa eu coloquei porque é o que a minha irmã queria para mim*” e “*Essa eu coloquei porque é a profissão do meu padrasto*”. Dessa forma, a história vivida pela família irá exercer forte influência sobre as representações que o jovem faz de si mesmo e de suas aptidões para obter sucesso em uma profissão definida, que atenda às valorizações familiares das profissões. (SOARES, 1997 apud SOARES, 2002).

Outro resultado encontrado, e que foi comum a todos os jovens, diz respeito às preocupações que os orientandos têm quanto à dificuldade de conciliar a rotina de trabalho com os estudos e a vida pessoal. Referente a essa conciliação, foi abordado que o trabalho não é uma opção e sim uma necessidade. Sendo assim, encontrar espaços na rotina, de maneira a contemplar também os estudos, não é uma tarefa fácil. Marcos abordou a grande dificuldade que tem em manter o foco nos estudos durante a rotina de trabalho: “*Eu acordo muito cedo pra ir trabalhar, chego em casa e tenho que fazer faxina, ajudar na cozinha, quando acabo tudo estou muito cansado e só quero dormir, é muito difícil pegar alguma coisa para estudar durante a semana*”. Desse modo, foi analisado e discutido com cada um, dentro de suas particularidades e possibilidades reais, estratégias de organização. Assim, na entrevista final, foi organizado um cronograma de estudos que fosse flexível e adequado ao cotidiano deles.

Em um dos encontros, surgiu uma discussão quanto às dificuldades de ingresso em universidades particulares, principalmente no que tange às questões financeiras e à realidade socioeconômica dos jovens. Mandelli, Soares e Lisboa (2011) pontuam que a prática de OPC com os jovens aprendizes advindos de classes menos favorecidas economicamente tem característica própria, levando em conta que se encontram inseridos ou em preparação para a entrada no mercado de trabalho após a conclusão do ensino médio, diferentemente dos jovens da classe média que se preparam para um curso superior. Assim, alguns deles consideraram a possibilidade de seguir trabalhando na PUC Minas para aproveitarem a bolsa para funcionários como uma forma de viabilizar os estudos em uma universidade privada. Tal hipótese gerou opiniões controversas, o que pode ser verificado em uma das falas, quando um orientando afirmou que “as universidades privadas são para a elite” e os demais concordaram, alegando

ser um espaço para os ricos e que, considerando seus contextos socioeconômicos, seria uma realidade distante de suas vidas.

Dessa forma, no encontro cujo principal objetivo era levar informações referentes ao ingresso nas universidades (públicas e privadas), de modo a esclarecer dúvidas quanto às bolsas de estudo disponíveis e quais os meios possíveis para alcançá-las, os jovens puderam compreender mais sobre as oportunidades atuais oferecidas e como buscá-las. Nesse sentido, a OPC se apresenta como um importante instrumento de reflexão e de construção de possibilidades melhores para os jovens cujas famílias apresentam, em geral, baixo nível de escolaridade (SOUSA, 2014).

Somado a isso, foram fornecidas informações sobre plataformas on-line voltadas a cursos de pré-vestibular e concursos, com o objetivo de ampliar as possibilidades de conciliar a rotina entre estudo e trabalho que, para os jovens, é um ponto crucial. Como salientam Mandelli, Soares e Lisboa (2011), os orientadores profissionais têm um compromisso social com esse público que, em meio às limitadas possibilidades de carreiras, vê-se na difícil realidade de conciliar trabalho com estudos. Desse modo, a OPC possibilita que esses jovens pensem sobre a sua condição presente, as oportunidades, as relações sociais, as oportunidades e as exigências do mercado de trabalho e as suas perspectivas acerca do futuro (SOUSA, 2014).

Além disso, acrescenta-se o peso da escolha profissional evidenciado em uma das frases de um dos participantes ao colocar que *“eles dizem que devemos escolher o que a gente quer... mas, sabe... é que a gente não sabe o que quer!”*. Tal fala desencadeou uma discussão entre os jovens sobre como escolher e a importância que essa escolha terá na vida deles. A falta de suporte por parte da família foi um assunto trazido por eles, uma vez que seus pais não puderam fazer uma escolha com base em seus gostos pessoais em função da necessidade de terem que trabalhar para garantir o sustento de suas famílias. Na mesma esteira, Ferretti (1988) acrescenta que para esses jovens haveria uma autonomia comprometida, na qual os valores dominantes influenciam os comportamentos e impedem que aspirações possam ser realizadas, devido às limitações impostas pelas realidades socioeconômicas.

Nesse sentido, por meio da confrontação teórica com a prática realizada, constatou-se que a escolha profissional é atravessada por inúmeros aspectos afetivos como as expectativas da família, a identificação com alguém que exerce determinada profissão e a supervalorização de algumas áreas no âmbito social. Tais questões devem ser levadas em consideração em um processo de Orientação Profissional e de Carreira visto que, muitas vezes, os jovens não apresentam uma reflexão mais profunda acerca da própria escolha, ao deixarem de levar em conta as dificuldades do curso e da profissão, por exemplo.

Para ilustrar esse ponto, trazemos o caso de Marcos, que deseja cursar Medicina e disse que não havia se atentado para o fato de que todos os cursos de Medicina apresentam carga horária integral, o que o impossibilitaria de trabalhar e contribuir para o sustento de sua família. Baseado nisso, foi proposto um encontro cujo objetivo foi esclarecer as possíveis dúvidas sobre as áreas de interesse, apresentando formas de conciliação entre as rotinas, tendo em vista as reais possibilidades de inserção no ensino superior, levando em consideração as bolsas de estudo existentes no país.

Patrícia, por sua vez, relatou ter se preocupado apenas com as dificuldades do processo até vir a se tornar uma psicóloga, mas tendo se ocupado das reflexões acerca dos desafios da própria profissão, tais como a consolidação no mercado de trabalho, aquisição de uma clientela no caso da área clínica e os atravessamentos subjetivos que podem ocorrer em decorrência da prática profissional. Patrícia mencionou o desejo de fazer Psicologia para ajudar as pessoas, mas confessou que não havia parado para se questionar acerca da importância do cuidado com a própria saúde mental para poder atuar como psicóloga.

Outra temática que surgiu durante os encontros foi a dificuldade dos aprendizes de entenderem que eles já estão inseridos no mercado de trabalho. Observamos, por meio da fala dos adolescentes, que eles enxergavam a inserção no mercado de trabalho e a vivência de uma profissão como algo a ser experimentado no futuro e não como parte de seus contextos atuais, já que não foi feita uma articulação direta de como a função desempenhada por eles na universidade já é uma porta de entrada, uma profissão atual.

Foi levantada a hipótese de que, por estarem acostumados a trabalhar desde muito novos para auxiliar no provimento de suas famílias, os jovens não consideram seus ofícios atuais como uma forma de participação no mercado de trabalho, haja vista que não foi uma escolha perpassada por desejos, mas sim por necessidade. Com base nessa suposição, o grupo questionou se a universidade estaria possibilitando o aprendizado de uma profissão ou se estaria apenas viabilizando uma vivência do cotidiano de uma instituição. Acrescenta-se ainda que:

O trabalho, entendido em seu sentido mais genérico e abstrato, como produtor de valores de uso, é expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza. No seu sentido primitivo e limitado, por meio do ato laborativo, objetos naturais são transformados em coisas úteis. Mais tarde, nas formas mais desenvolvidas da práxis social, paralelamente a essa relação homem-natureza desenvolvem-se inter-relações com outros seres sociais, também com vistas à produção de valores de uso. (ANTUNES, 2009, p. 139).

Por meio do trabalho, o homem dialoga com seu tempo, o que possibilita a criação de si e do meio objetivo em que vive e, dessa forma, age sobre o mundo intencionalmente, trans-

formando a realidade ao imprimir suas marcas em um processo irreversível em que o indivíduo e o mundo não são os mesmos (RABELO; CASTRO; SILVA; 2016). Assim, pode-se verificar, segundo Krawulsk (1991), que para além das necessidades de ordem objetiva, o trabalho tem um caráter decisivo na produção de uma identidade social, o que se relaciona intimamente com a questão do significado, da satisfação e do reconhecimento obtidos por seu intermédio. Desse modo, a renda que esses jovens recebem é investida em suas famílias, pois atualmente o trabalho orienta-se para sua subsistência e não condiz com a identificação ideal que têm acerca do que seria o trabalho tendo em vista seus próprios desejos e inclinações.

Ao final do processo, na ocasião das últimas entrevistas, foi disponibilizado um guia informativo sobre algumas profissões de acordo com o resultado do teste AIP de cada um. Foram selecionados alguns cursos que não haviam sido mencionados diretamente por eles, mas que eram áreas afins das opções apresentadas, de acordo com os resultados apontados no manual do teste. Dessa maneira, foi pontuado a cada um que, para realizar uma escolha com maior autonomia, é necessário também conhecer outras opções, mesmo que seja para descartá-las e optar por um caminho específico, após ter mais consciência de si, do mundo ao seu redor e mais informação socioeducacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a confrontação dos dados coletados nas entrevistas individuais com os encontros em grupo e com base no estudo dos referenciais teóricos, uma das questões suscitadas neste trabalho traz a seguinte pergunta: Quem são os jovens aprendizes na universidade? Tal problemática se reparte em inúmeros desdobramentos: Qual a função efetiva exercida por eles perante a instituição? Como essa instituição contribui para a inclusão desses jovens? Como essa oportunidade pode favorecer a inserção dos jovens no mercado de trabalho? De acordo com a lei n.10.097/00, denominada “Lei da Aprendizagem”, o Programa Jovem Aprendiz visa à capacitação profissional de adolescentes e jovens, uma vez que pretende oportunizar a vivência no cotidiano de uma instituição e, ao mesmo tempo, aprender uma profissão.

Diante de tais indagações, foram feitas algumas formulações. A primeira delas se refere à dificuldade enfrentada pelo grupo para conseguir que os supervisores liberassem os jovens para participar da prática extensionista de OPC. Foram colocados muitos empecilhos por alguns dos supervisores em relação à liberação no horário de trabalho, o que nos levou a pensar que a importância do processo de orientação não tenha sido devidamente reconhecida.

Tais circunstâncias fizeram com que nosso grupo se questionasse sobre como a instituição auxilia o crescimento dos adolescentes, para além dos muros da universidade.

Com base nisso, foi pensado como as instituições poderiam contribuir para a aprendizagem e o momento de escolha profissional, de modo que os adolescentes tenham uma prática reflexiva que lhes permita de fato aprender mais sobre si e sobre o seu futuro. Uma das possibilidades seria fazer com que os jovens conhecessem mais a própria instituição, já que foi observado que eles pouco sabem a respeito das formas de ingresso no ensino superior na própria universidade. Um outro fator levantado diz respeito à dificuldade de conciliar estudo com trabalho desses jovens. Nesse sentido, a universidade poderia auxiliar ao incentivar a construção de um cronograma que possibilitasse o estudo em algumas janelas do horário de trabalho dos jovens. Ainda caberia o incentivo à participação e promoção de palestras e oficinas que tratassem da temática profissional.

Tal proposta também carece de implementação nas escolas, já que, para além das formas de ingresso nas universidades e da apresentação de cada profissão, os adolescentes precisam ter acesso à informação acerca dos desafios cotidianos inerentes aos ofícios, bem como tomar consciência das questões que atravessam o processo de escolha, como os fatores socioeconômicos, aspectos emocionais e a influência da família. Nesse sentido, diversas escolas têm implementado um “projeto de vida” como parte do currículo obrigatório, no qual são discutidas questões sobre o mundo do trabalho e profissões e tem por objetivo proporcionar aos alunos reflexões e planejamentos que possibilitem alcançar seus objetivos presentes e futuros, desenvolvendo a gestão do próprio tempo e a organização pessoal.

Vale destacar o programa implementado pelo governo de São Paulo, denominado “Projeto Inova”, inspirado nos resultados positivos de práticas aplicadas em 633 escolas da rede estadual de São Paulo desde 2012 e que, de acordo com a Secretaria de Educação de São Paulo, começou a ser implementado em 2019 (SÃO PAULO, 2019). Em Minas Gerais, o “projeto de vida” tem sido implementado por meio do “Ensino Médio Integral”, que começou a ser implementado no segundo semestre de 2019 em 78 escolas estaduais e será expandido em 2020, contemplando 281 escolas, conforme informado pela Secretaria de Educação de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2019). A relevância dessas propostas é que elas fomentam o debate de tais temáticas no contexto escolar.

Cabe ainda ressaltar a importância do envolvimento e inclusão da família diante do processo de escolha profissional. Como foi visto, esse momento vivenciado pelo jovem repercute sobre a família como um todo e, por isso, é importante que haja o engajamento de outros membros da família no sentido de conhecer, juntamente com o adolescente, seus desejos, pos-

sibilidades e desafios. Ademais, é fundamental que haja a desconstrução da visão idealizada que se tem das profissões, bem como da ideia de que a escolha feita na adolescência não é passível de mudança. Diante das transformações do mundo contemporâneo, principalmente no que tange à temática da centralidade do trabalho, o que se tem percebido é que essa escolha não é estática quando se considera uma realidade complexa e multifacetada. Ao levar esse tipo de informação para os pais, a escola atua como agente transformador da realidade social ao possibilitar que a construção da escolha profissional aconteça de forma consciente e crítica.

Para que a escolha profissional seja feita da forma mencionada anteriormente, é fundamental que haja informação. Diante disso, é imprescindível destacar a importância de difundir a OPC em contextos de vulnerabilidade social, o que pode ser feito por meio da implementação de programas e palestras sobre a temática em escolas públicas, haja vista que tais projetos já acontecem em muitas escolas particulares. Um outro aspecto traz a necessidade de se levar a OPC para quem já trabalha, o que é bastante comum em tais contextos.

Assim, há que se pensar qual o sentido do trabalho para essas pessoas, como elas se veem diante de seu ofício, bem como contextualizar as possibilidades de escolha. Um dos jovens, que desejava cursar Medicina, não havia pensado que o fato de o curso ser integral o impediria de trabalhar e por isso a contextualização diante da realidade de cada um é tão importante. Dessa forma, a OPC pode atuar como uma forma de tomada de consciência frente ao mundo social, encontrando formas de ultrapassar os obstáculos. Foi observado ainda que existem aspectos que são comuns a diferentes contextos, como a ansiedade gerada pela dificuldade de escolha e de organização do estudo, bem como as influências sofridas diante do contato com familiares e das idealizações que são feitas em torno de cada profissão.

Por fim, cabe destacar que a oportunidade de realizar a prática extensionista, proposta pela disciplina de OPC, foi importante sob o ponto de vista da nossa formação, no que diz respeito a aspectos profissionais e pessoais, posto que permitiu o confronto entre teoria e prática, bem como a aplicação das técnicas aprendidas em sala de aula, além de possibilitar o contato com uma realidade formada por complexidades e saberes que vão além dos muros da universidade. Além disso, a vivência do grupo foi propulsora de reflexões críticas sobre o papel das instituições, que nos fizeram pensar em possíveis intervenções, caminhos e estratégias diante daquilo que foi observado sobre os Jovens Aprendizes e seus contextos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. G. G. de; PINHO, Luís V. de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008.
- ANTUNES, R. L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BOCK, S. D. Concepções de indivíduo e sociedade e as teorias em Orientação Profissional. In: BOCK, Ana Maria Mercês Bahia (org). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 61-70.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional**: A Estratégia Clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- DIAS, M. L. Família e escolha profissional. In: BOCK, Ana Maria Mercês Bahia (org). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 71-92.
- SOUSA, R. J. G. et al. Projeto de Extensão Universitária em Orientação Profissional (OP) para jovens: uma parceria entre universidade e instituição formadora de aprendizes. **Raízes e Rumos**, v. 2, n. 2, p. 18, 2015. Disponível em:
<http://200.156.24.158/index.php/raizeserumos/article/view/5197>
- FERRETTI, C. J. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez, 1988.
- GODOY, S. *et. al.* Instrumentos de inteligência e interesses em orientação profissional. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 1, p. 75-81, 2008. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000100009. Acesso em: 13 dez. 2020.
- KRAWULSK, Edite. **Evolução do conceito de trabalho através da História e sua percepção pelo trabalhador de hoje**. 1991. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Administração. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/75812/82648.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 out. 2019.
- LASSANCE, M. C.; SPARTA, M. A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de orientação profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 13-19, dez. 2003. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 dez. 2020.
- LEHMAN, Y. P. Papel do orientador profissional: revisão crítica. In: BOCK, A. M. M. B. (org). **A Escolha Profissional em Questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 239-246.
- LEVENFUS, R. S.; BANDEIRA, D. R. **Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP)**. São Paulo: Vetor Editora, 2009.

- LEVENFUS, R. S. Orientação vocacional ocupacional, abordagem grupal: teoria e técnica. In: LEVENFUS, R. S. (org.). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 257-268.
- LIMA, M. T. Técnicas de Intervenção. In: LIMA, M. T. **Orientação Profissional: Princípios Teóricos, Práticos e Textos para Psicólogos e Educadores**. São Paulo: Vetor, 2007, p. 103-136.
- LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. São Paulo: Summus, 2000.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado e da Educação. **Ensino Médio Integral da rede estadual será ampliado**. Disponível em: <<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/ensino-medio-integral-da-rede-estadual-sera-ampliado>> Acesso em: 03 jan. 2020.
- NORONHA, A. P. P.; AMBIEL, R. A. M. Orientação profissional e vocacional: análise da produção científica. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 11, n. 1, p. 75-84, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712006000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 dez. 2020.
- PIMENTA, S. G. **Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1981.
- RABELO, L. C.; CASTRO, M. L.; SILVA, J. M. A. Dublês do setor elétrico: reflexões sobre identidade e trabalho terceirizado. **Psicologia: Organizações e Trabalho**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, abr/jun., p. 166-175, 2016.
- RENA, L.C. C. B. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.
- SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. Governo de São Paulo lança o programa “Inova Educação”. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-lanca-o-inova-educacao>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- SILVA, L. B. C. Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da profissão. In: BOCK, A. M. M. B. (org). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 25-44.
- SOARES, D. H. P. A Escolha. In: SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.
- SOUZA, J. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- SPACCAQUERCHE, M. E. Orientação profissional online: uma experiência em processo. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 63-74, jun. 2005.